

INDONÉSIA E A NATUREZA DA IMPUNIDADE

YASMIN PAES



Introdução

Em um filme extraordinário, o diretor Joshua Oppenheimer nos apresenta uma nova forma de se fazer documentários, aquela que não só retoma o passado e conta o presente, como provoca uma verdadeira crise existencial em seus protagonistas e expectadores. “O Ato de Matar” é inesquecível e perturbador, pois ninguém sai ileso da crueza de suas cenas. Com cortes precisos e sem censura, os assassinos e protagonistas dos massacres anti-comunistas na Indonésia em 1965 e 1966 interagem com a câmera de forma natural e orgulhosa relatando seus crimes. Impunes, eles andam pelas ruas de Sumatra do Norte como heróis, possuindo respaldo de autoridades do governo indonésio que os colocam como salvadores da pátria. De fato, a organização paramilitar em análise e grande perpetradora da chacina anti-comunista, a Pancasila Youth, é proveniente do Partido Patriótico. Os atos de sadismo e morte que se deram na época ecoam na Indonésia até hoje, seja pelo silêncio dos atingidos pelo massacre seja pela liberdade de seus criminosos.

Inicialmente concebido para contar a história dos sobreviventes, familiares e testemunhas do massacre, o filme mudou de foco após

Oppenheimer e sua equipe terem sido repetidamente perseguidos e presos toda vez que tentavam entrevistar e contar o passado obscuro da Indonésia. Descobriram que se comunicar com os assassinos – muitas vezes vizinhos de suas vítimas – era muito mais fácil e a história pode ser contada a partir de seus perpetradores. Oppenheimer convidou-os para estrelarem o próprio filme e narrarem seus feitos. A proposta foi entusiasticamente aceita. A partir desse momento, o filme se desenvolve como uma crítica à impunidade dos criminosos e o impacto de suas ações em suas vidas e na Indonésia desde então.

Contexto Histórico

Em 30 de setembro de 1965, a Indonésia sofreu um golpe militar que destituiu o então presidente Ahmed Sukarno, subindo ao poder o general Haji Mohammed Suharto em março de 1966, instituindo um período de “Nova Ordem”. Durante um lapso de pouco mais de cinco meses, o país viveu um dos momentos mais sombrios de sua história. Com o objetivo de dismantelar toda a esquerda e sob o comando do general-ditador, entre quinhentos mil e um milhão de comunistas

e simpatizantes foram mortos pelas mãos de organizações paramilitares, como a já citada Pancasila Youth. A maioria das vítimas era filiada ao Partido Comunista da Indonésia (PKI), o maior partido comunista do mundo fora da União Soviética e da China. O PKI era grande apoiador do ex-presidente Sukarno – idealizador a Conferência de Bandung de 1955 e do movimento não-alinhado – que, no entanto, não era comunista. No ápice da Guerra Fria, o massacre foi realizado de maneira a fortalecer o regime de “Nova Ordem” que recebia grande respaldo e assistência dos Estados Unidos. O golpe de Estado da direita representou uma vitória para o Ocidente que vinha sendo desacreditado na Ásia por episódios como a Guerra do Vietnã. O governo norte-americano inclusive teve ativa participação nos eventos sangrentos de 1965 e 1966 através de agentes da CIA. Seus modelos de interrogatório e tortura eram utilizados para desmascarar comunistas, levando-os para dolorosas mortes com arame. Com esse apoio econômico e ideológico dos ianques, a Indonésia pode viver um período de estabilidade econômica. No entanto, as marcas de sangue da carnificina jamais iriam sair da memória do país.

“O Ato de Matar”

Em uma experiência delirante, Oppenheimer nos leva a uma Indonésia de feridas abertas. O passado, mesmo que silenciado, não foi superado por suas testemunhas; e talvez ele nunca seja. Ativistas dos direitos humanos e sobreviventes fizeram um apelo à Oppenheimer para que ele produzisse um filme que fizesse os indonésios não só recordarem o passado que já conheciam, mas refletirem sobre os eventos que baseiam a atual sociedade do país. O massacre lançou os pilares para a Indonésia ser o que é hoje: um país de impunidade. Como o próprio Oppenheimer constata: “Essa é uma sociedade que foi fundada sobre assassinatos em massa, onde os perpetradores estão no poder, onde as vítimas deviam agradecer-los por mandarem-nas para o paraíso.”¹

1 KITAMURA, Katie. Joshua Oppenheimer on ‘The Act of Killing’: The director talks to Al Jazeera about his chilling documentary on death squad leaders in Indonesia. 2013. Disponível em: <<http://america.aljazeera.com/articles/2013/9/22/joshua-oppenheimeronfilmingtheactofkilling.html>>.

Em “O Ato de Matar” conhecemos Anwar Congo, um dos pais fundadores da organização paramilitar Pancasila Youth, que ostenta o assassinato de mil pessoas a sangue frio. Assim como tantos outros perpetradores, Congo fala com naturalidade sobre seus atos criminosos e leva Oppenheimer para os locais onde realizava a carnificina. Lá, ele narra sobre a inovadora forma de matar que descobriu com os filmes de gângsteres: o garroteamento com arame. Essa técnica era mais limpa e não sujava o chão com tanto sangue quanto uma decapitação; prático, fácil e rápido. Dessa maneira, Congo – uma figura extraordinária – se gabava de ser um “gângster”, afinal, ele e seus colegas “nasceram livres” como aqueles dos filmes norte-americanos que o fascinavam. Para Oppenheimer, conhecer o verdadeiro Anwar Congo lhe custou uma jornada que durou a produção de um filme completo.

Entretanto, ao contrário do que se pode pensar, Congo não foi o primeiro perpetrador que Oppenheimer conheceu. Na verdade, ele foi o quadragésimo primeiro assassino a ser entrevistado pelo diretor. Mas havia algo a mais em Congo que o fez desejar contar a história de não só um homem, mas de todo um país. Ao convidá-lo a encenar com seus colegas os episódios de sadismo e estrangulamento, Oppenheimer buscava mostrar o quanto a impunidade estava presente na Indonésia. Os perpetradores se divertiam ao gravar as cenas com efeitos especiais e sangue falso, cujos resultados eram toscos e amadores. Mas Oppenheimer descobriu que a impunidade poderia prover mais do que liberdade para os assassinos: ela provia uma crise existencial. A crise de Anwar é a maior de todas, pois esse homem não possuía verdadeiro orgulho pelo que fez, mas tinha consciência da gravidade de suas ações. No entanto, a glorificação e o título de herói nacional maquiavam sua crueldade. Oppenheimer antecipa essa constatação logo na abertura do documentário, quando cita Voltaire: “Matar é proibido, por isso todos os assassinos são castigados, a menos que matem em grandes quantidades e ao som das trombetas”².

No curso do filme, Anwar Congo não é castigado como muitos gostariam que fosse:

2 O ATO de Matar. Direção de Joshua Oppenheimer. Produção de Werner Herzog, Errol Morris, Andre Singer. Roteiro: Joshua Oppenheimer. Dinamarca, Reino Unido: Final Cut For Real, 2012. (122 min.)

uns o condenariam a morte, outros à prisão perpétua. No entanto, a experiência de Congo em “O Ato de Matar”, tendo que reproduzir as torturas no lugar dos torturados, fez sua dor extravasar os limites que a vida até agora havia imposto. Experiência que o traumatizou. Ele era um homem procurando ser julgado em meio a uma sociedade que não queria julgá-lo. Sua redenção foi pessoal e única, não havia mais o que comemorar ou ostentar, apenas dor.

Considerações Finais

A dimensão dessa impunidade na Indonésia tem proporções gigantescas. Um país em que a corrupção é algo rotineiro, o gangsterismo vigora com aprovação de autoridades e as organizações paramilitares são adoradas. A população é acuada por seu passado traumatizante, que não é colocado para o debate: é intrínseco a ela e pinta uma atmosfera de constante receio. Com “O Ato de Matar” Oppenheimer busca fazer a população indonésia refletir e questionar não só o passado, mas compreender o presente e se emancipar das origens de crueldade.

O país que condenou dois brasileiros à morte por tráfico – causando um grande desconforto para o governo brasileiro – é o mesmo país que deixa assassinos livres e os vangloria. País que é enfocado pela câmera de Joshua Oppenheimer não por suas belezas naturais, praias ou cultura pitoresca, mas por seu regime de medo e impunidade que vigoram até hoje. O filme não foi bem recebido pelas autoridades e pelos próprios perpetradores do massacre, porque eles não imaginavam no que as cenas gravadas iriam se transformar: dolorosa crítica.

Um documentário louvável que foi nomeado ao Oscar na categoria de Melhor Documentário e venceu como Melhor Documentário no BAFTA Film Award, “O Ato de Matar” nos leva a uma Indonésia pouco explorada e nos conta uma história de horrores e sadismos. Um passado em que os direitos humanos não existiam e seus perpetradores ditavam as leis. Talvez eles ditem até hoje.

Second Greatest Crime of the Century. Atlanta: World View Publishers, 1978.

THE Act of Killing Full Interview with Joshua Oppenheimer. Los Angeles: Film Courage, 2014. (16 min.)

CRIBB, Robert; FORD, Michele. The killings of 1965-66. 2010. Disponível em: <<http://www.insideindonesia.org/the-killings-of-1965-66>>.

MELVIN, Jess. Review: When perpetrators speak. 2013. Disponível em: <<http://www.insideindonesia.org/review-when-perpetrators-speak>>.

Bibliografia

GRISWOLD, Deirdre. Indonesia 1965: The